





A Tomada de Tânger (c. 1471-1475). O Cerco de Arzila (1475-1500); pormenor de uma bombardeia (em baixo); figura do rei Afonso V (pág. seguinte). Atribuídas à oficina de Passchier Grenier; tapeçaria de lã e seda; Colegiada da Igreja de Nossa Senhora da Assunção, Pastrana (Guadalajara). © Fundação Carlos de Amberes. Fotografias de Paul M.R. Maeyaert

## Tapeçarias de Pastrana em Washington

### A propaganda do poder

É uma obra cheia de mistérios. Não se sabe exatamente quando foi feita (último quartel do séc. XV), não se sabe quem é o seu autor, embora se julgue conhecer quem fez esta «encomenda quase sem precedentes» (o rei D. Afonso V) e quem a fabricou (as oficinas de Passchier Grenier, em Tournai, na Flandres). Também não se conhecem as circunstâncias em que entrou em Portugal, como desapareceu em seguida, para reaparecer em Espanha, logo em 1532. Em contrapartida, existem algumas ideias razoavelmente claras sobre as motivações que terão estado na sua origem e o seu significado. E uma certeza: as quatro tapeçarias de Pastrana, que retratam a conquista de Arzila e a ocupação de Tânger pelos portugueses, em 1471, no reinado de Afonso V, são de uma enorme beleza nas suas dimensões monumentais (10 m de largura por 4 m de altura).

Estão desde esta semana a ser mostradas nos Estados Unidos, na National Gallery of Art de Washington, até 8 de janeiro, numa exposição coorganizada por esta entidade e pela Fundação Carlos

de Amberes (Espanha), que tomou a iniciativa, em 2008, do restauro das tapeçarias, propriedade desde o séc. XVII da Colegiada da Igreja de Nossa Senhora da Assunção, em Pastrana, por doação do duque de Pastrana, localidade espanhola a cerca de 50 km a sudeste de Guadalajara. O conjunto designado pelas tapeçarias de Pastrana, em lã e seda, compreende duas outras, ainda não restauradas e não mostradas nesta exposição, sobre outra conquista africana de D. Afonso V, Alcácer Ceguer (1458), ao que se julga encomendadas posteriormente, eventualmente pelo seu filho, o rei D. João II, «visando completar a evocação da gesta marroquina do soberano», segundo António Filipe Pimentel, diretor do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA).

A exposição em Washington – possível, como diz a National Gallery, com o «generoso apoio» dos governos de Espanha, de Portugal, através do Instituto Camões, e da Bélgica – intitula-se *A Invenção da Glória: Afonso V e as Tapeçarias de Pastrana*. Embora com o mesmo nome da que esteve patente em Portugal, em 2010,



no MNAA, em Lisboa, no âmbito das comemorações dos 25 anos da adesão de Portugal e Espanha à Comunidade Económica Europeia, a exposição de Washington, que depois deverá ser vista de 5 de fevereiro e 13 de maio no Meadows Museum, de Dallas, no Texas, e mais tarde noutras cidades norte-americanas ainda não anunciadas, não é exatamente a mesma que

foi vista em Lisboa. Faltam-lhe os painéis de São Vicente, de Nuno Gonçalves, que fazem parte do acervo do MNAA, de onde não podem sair.

#### SEMELHANÇAS...

A junção dos painéis mais famosos da arte antiga portuguesa à exibição das tapeçarias em Portugal reeditou uma associação estabelecida entre as duas obras, desde que a existência das tapeçarias em Pastrana foi dada a conhecer em Portugal, em 1915, por José de Figueiredo e Reynaldo dos Santos. Este último, médico, pedagogo e crítico de arte, defende em 1925 que a autoria dos cartões das tapeçarias pertence a Nuno Gonçalves, nomeado pintor régio por Afonso V em 1450, uma atribuição hoje rejeitada.

Refere Dalila Rodrigues no catálogo da exposição em Portugal que àquela associação não foi alheia um «discurso museológico» de «exaltação nacionalista» que caracterizou a I República e o Estado Novo, centrado na «Epopéia dos Descobrimientos» e «no propósito de legitimar a tese da existência da 'Escola Portuguesa

de Pintura'». Não conseguindo recuperar as tapeçarias para Portugal, o Estado Novo acabaria aliás por adquirir em 1957 cópias feitas em Espanha, entre 1943 e 1949, que estão hoje expostas no Paço Ducal de Guimarães, num «claro testemunho do reconhecimento da sua importância histórica e artística, assim como do seu valor simbólico», no dizer de Dalila Rodrigues.

Mas se Nuno Gonçalves não é o autor, e verdadeiramente não se saiba quem ele terá sido, painéis e tapeçaria, encomendados aparentemente ambos pelo mesmo rei, comungam no dizer da especialista do mesmo «essencial desejo de celebração» e apresentam similitudes que geraram em parte essa primeira atribuição dos cartões das tapeçarias ao pintor quinhentista português. Tal como os painéis, as tapeçarias, feitas com grande pormenor e que de alguma forma se «leem» como uma banda desenhada, no dizer de Miguel Angel Aguilar, presidente da Fundação Carlos de Amberes, apresentam – enuncia Dalila Rodrigues – o mesmo «suposto 'carácter português' das cabeças das personagens», o seu elevado número, escalonamento de baixo para cima e aglomeração nos planos de fundo, a «importância do retrato», «pormenores de herdaldica e o realismo de elementos figurativos», patente na precisão da iconografia militar e náutica – armas, armaduras e máquinas de guerra –, a ponto



para as tapeçarias, sendo mais aparentes do que reais. E mesmo a abundância de pormenores nas tapeçarias não permite sequer dizer, como alguns defenderam, que o seu autor teria estado presente nos eventos que retratam. Alguns aspetos das tapeçarias mostram a sua filiação na tradição têxtil europeia da época. Reportando-se a Maria José Mendonça, Dalila Rodrigues evoca «o tratamento convencional das arquiteturas, da vegetação, dos tipos fisionómicos e dos supostos elementos exóticos representados nas tapeçarias». Mesmo os detalhes náuticos e militares existirão noutras tapeçarias de tema militar do século XV.

A National Gallery, na apresentação da exposição, diz que os panos, que classifica como «góticos», estão entre «os exemplos mais precoces e raros de tapeçarias criadas para celebrar o que eram então eventos contemporâneos». As tapeçarias apresentam ainda uma peculiaridade, que as torna diferentes daquelas que lhe são coevas na Europa. É verdade que, sendo de temática militar, diferem dos «episódios de teor bíblico ou mitológico ou, quando menos, de História Antiga», que eram, segundo António Filipe Pimentel num texto incluído no catálogo da exposição em Portugal, mais comuns neste tipo de panos, destinados frequentemente a forrarem as paredes despidas das enormes salas de palácios e moradas reais, dando-lhes conforto. Mas o que as distingue, refere o diretor do MNAA, é o facto de serem «panos para a História», que estabelecem uma «relação operativa» deliberada com a «contemporaneidade», mas não no sentido de uma ilustração jornalística, como alguns são tentados a pensar.

Nas tapeçarias, considera António Filipe Pimentel, professor universitário e antigo diretor do Museu Grão Vasco, projeta-se «a imagem recriada (e por isso inventada, mental) de um monarca que nelas faria prova de uma aguda consciência da bondade retórica do monumento e da sua relevância na construção póstuma de uma visão perspectivada da sua acção como Rei e Chefe». Tanto mais que a encomenda parece coincidir com o envolvimento mal sucedido de Afonso V nas disputas pela coroa de Espanha (1474-1479), que alguma forma marcam o termo do seu reinado e o levam a retirar-se deprimido e a morrer em 1481.

Com este «anseio de criar uma imagem para a História» de «inventar-se um registo de glória», Afonso V, o rei 'medieval', imbuído de ideais cavaleirescos e fé cruzadística, «faz prova (...) de uma aguda e moderna ciência da importância operativa dos meios cénicos e visuais», em antecipação ao que fará no século XVI, por exemplo, Carlos V de Espanha, que celebra a sua conquista de Tunes com tapeçaria semelhante, considera o diretor do MNAA.

No entanto, na «tapeçaria da História», como refere António Filipe Pimentel, este «príncipe culturalmente humanizado» ficou como um «príncipe imperfeito», entalado entre as figuras que o antecederam (o tio-regente D. Pedro, que morre em Alfaroibeira) e lhe sucederam (D. João II) pela pena de cronistas e historiadores, mas para que terá também contribuído o «próprio precoce desaparecimento, de território português, do prodigioso ciclo evocativo da sua glória militar [as tapeçarias], complementado com o longo olvido dos hoje célebres painéis [de São Vicente]».

## Esclarecer o enigma

■ A Fundação espanhola Carlos de Amberes (FCA) quer investigar «alguns dos enigmas que se colocam sobre as origens e as andanças» das tapeçarias de Pastrana, que relatam pela imagem as conquistas portuguesas no norte de África feitas pelo rei Afonso V, agora mostradas na National Gallery of Art, em Washington.

A instituição, que se dedica às relações entre Espanha e antigos países baixos espanhóis, tomou a iniciativa em 2008 de restaurar quatro das seis tapeçarias de Pastrana, fabricadas no último quartel do séc. XV na Flandres e descritas como «obras excecionais», cujo custo na época equivaleria a três caravelas.

A precoce saída de Portugal das valiosas tapeçarias, com uma importância simbólica manifesta, constitui um mistério, como admitiu ao Público, em Junho de 2010, António Filipe Pimentel, diretor do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), quando da apresentação das obras restauradas, pela primeira vez, em Portugal. «É muito misterioso», declarou. Depois de produzidas em Tournai, terão entrado em Portugal «provavelmente já no reinado de D. João II, e em 1532, poucas décadas depois de terem sido feitas, aparecem em Espanha, no inventário dos bens dos duques do Infanzado», que as cedem à Colegiada de Pastrana, sem que se saiba como foram parar ao país vizinho.

A FCA apresenta uma cronologia diferente: os panos «poderão ter sido tomados como despojos de guerra depois da derrota de Afonso V na batalha de Toro [1476] ou oferecidos pessoalmente pelo monarca luso ao Cardeal [Pedro González de] Mendoza, protetor de Joana a Beltraneja, mulher de Afonso V», em nome da qual o rei português disputou a coroa espanhola.

No séc. XVII, quando do casamento da herdeira do ducado do Infanzado (da família Mendoza) com o 4.º duque de Pastrana, as tapeçarias são legadas à Colegiada de Pastrana, na condição de serem mostradas nas ruas durante a procissão do *Corpus Christi*. tradição que é mantida até aos anos 30 do séc. XX, quando, estando em restauro em Madrid, são selecionadas pelo governo republicano para serem transferidas juntamente com outras obras do património espanhol para a Suíça, como medida de salvaguarda durante a guerra civil.

Regressam a Pastrana em 1950, onde se mantêm até à sua redescoberta, restauração na manufatura De Wit (Malines, Bélgica) e exibição nos Museus Reais de Arte e História de Bruxelas, no Palácio do Infanzado de Guadalajara, no Museu de Santa Cruz de Toledo, do MNAA de Lisboa e na Fundação Carlos de Amberes, em Madrid.

## O que contam os quatro panos

■ As 4 tapeçarias de Pastrana expostas na National Gallery, em Washington — três sobre a conquista de Arzila e uma sobre a ocupação de Tânger em agosto de 1471 — não são um «instantâneo» daqueles eventos, mas uma recriação em que se misturam pormenores reais, liberdades artísticas e preocupações narrativas.

A série de Arzila está dividida em *O Desembarque*, *O Cerco* e *O Assalto* à cidade do «Algarve de Além-Mar em África», território que Afonso V passa, a partir da conquista, a acrescentar à sua longa lista de títulos. Nas tapeçarias, existem legendas explicativas, embora as de *O Cerco* tenham sido cortadas.

Impressiona o elevado número de personagens retratados com enorme pormenor e a 'arte' de concentrar, numa composição, um conjunto de acontecimentos situados numa linha temporal. Isso é patente, talvez melhor do que em qualquer outra, na tapeçaria de *O Desembarque*, em que o rei português, rutilante na sua armadura forrada a brocados, acompanhado pelo infante D. João, e sempre assinalado pela presença do estandarte de Portugal e pelo pendão real (um rodízio aspergindo gotas), aparece por duas vezes, a marcar dois momentos: após o desembarque e já em marcha para a cidade.

Este desejado efeito de realismo mistura-se com fantasia. Algumas das flâmulas que ondeiam sobre as tropas não podem ser atribuídas a qualquer linhagem nobre, segundo nota Miguel Ángel de Bunes Ibarra, autor das entradas sobre cada uma das tapeçarias no catálogo da exposição. Também a figuração de Arzila e dos seus defensores muçulmanos é convencional, acompanhando os padrões vigentes na Europa para ambientes 'exóticos'. E os telhados muito inclinados e as numerosas torres da cidade correspondem a uma urbe do norte da Europa.

A tapeçaria de *O Cerco* dá conta de um aspeto histórico, ao mostrar a paliçada defensiva erguida em volta do arrial português, onde estão presentes as bombardas protegidas por mantas de madeira, mas não a brecha que os sitiados abriam. Já divisão do campo português em dois setores — comandados pelo rei e pelo infante, que aparecem a cavalo de cada lado — não pode ser confirmada por ausência de fontes. Esta divisão repete-se em *O Assalto*, onde não figuram as numerosas peripécias do ataque final relatadas por fontes históricas. Estão, no entanto, segundo Miguel Ángel de Bunes Ibarra, «na concepção cavaleiresca e nobiliária com que é descrito o assalto a Arzila e na importância dada ao rei e ao infante em ambas as tapeçarias».

Mais graficamente informativa é a tapeçaria de *A Tomada de Tânger*, que evoca a ocupação da cidade, abandonada pela sua população, dias depois da conquista de Arzila, visível na linha do 'horizonte'. Vê-se a progressão da coluna de cavalaria e infantaria portuguesa, vinda de Arzila. No centro do pano está Tânger, vazia, onde um soldado ergue já o estandarte português no topo de um torreão. Do lado direito, observa-se a fuga da população muçulmana. O rei e o infante estão ausentes. «Com esta simples sucessão de acontecimentos, o pano consegue resumir os factos ocorridos a 28 de Agosto de 1471 — Rui de Pina fala-nos do dia 29 —, data da ocupação de Tânger pelo exército português», escreve o especialista espanhol.

de o catálogo da exposição nos Estados Unidos incluir um novo texto, da autoria de Donald J. La Rocca, do departamento de armas e armaduras do Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque, em que as tapeçarias são apresentadas como uma autêntica «enciclopédia visual» para o estudo do material bélico do séc. XV.

### ...E DIFERENÇAS

No entender dos especialistas, estas especificidades não chegam para definir um autor



## Colômbia Criada cátedra de Estudos Portugueses

Uma cátedra de Estudos Portugueses foi criada na Colômbia, na Universidade dos Andes, em Bogotá, nos termos de um protocolo assinado em agosto entre aquele estabelecimento de ensino e o Instituto Camões (IC).

Segundo afirma Jerónimo Pizarro, professor do Departamento de Ciências Humanas e Literatura da universidade, na página da instituição, a nova cátedra tem o nome de Fernando Pessoa e é a quarta de Estudos Portugueses em toda a América Latina – as restantes são as cátedras Jaime Cortesão (São Paulo, Brasil), José Saramago (México) e Padre António Vieira (Rio de Janeiro, Brasil), todas com o apoio do Instituto Camões.

O protocolo nasceu do desejo, por parte da Universidade dos Andes, de proporcionar a professores e alunos o aprofundamento dos seus conhecimentos de língua e culturas dos países de língua portuguesa e da política do IC de apoiar a criação de departamentos de Português em universidades estrangeiras.

Entre os objetivos da cátedra, que receberá um apoio financeiro e material do IC, está o desenvolvimento de projetos de ensino, investigação e divulgação nas áreas acordadas.

A assinatura do protocolo decorreu durante a Semana de Portugal, organizada pela Embaixada de Portugal em Bogotá e pela Universidade dos Andes, com o patrocínio do IC, Fundação Calouste Gulbenkian, Instituto do Cinema e do Audiovisual e empresa Mota-Engil, visando estreitar os vínculos entre Portugal e a Colômbia, aproximar a comunidade académica dos dois países, e fazer de Portugal uma ponte para o universo dos países de língua portuguesa.

## Cinema português em Marselha



O cinema português é o convidado da edição de 2011 dos *Rencontres du Cinéma Européen*, projeto de divulgação do cinema europeu em Marselha da Associação Cinépage, que já deu a conhecer em anos anteriores o cinema italiano (2005), húngaro (2007) e finlandês (2009) e que está a decorrer até 27 de setembro.

O programa desta bienal, que tem o apoio, entre outros, do Instituto Camões, é intenso (17 realizadores, 16 longas metragens, 7 curtas e médias metragens), com a apresentação de vários filmes por dia, a presença de alguns realizadores,

uma conferência sobre a Cultura Portuguesa, por Pedro da Nóbrega, e uma palestra sobre o cinema português por José Manuel Costa.

Obras de Teresa Garcia, Margarida Cardoso, João Pedro Rodrigues, João Botelho, Fonseca e Costa, António Pedro Vasconcelos, António Reis, Alain Tanner, Raoul Ruiz, Sérgio Tréfaut, Pierre Marie Goulet, Jorge Queiroga, Pedro Costa, José Vieira, Maya Rosa, Susana de Sousa Dias, Paulo Rocha e Manoel de Oliveira fazem parte do alinhamento.

## Eugénio Silva expõe no Museu da BD de Bucareste



Um Português de Visita ao Museu é o título da exposição do ilustrador, publicitário e autor de BD Eugénio Silva, que pode ser vista até 16 de Outubro no Museu da Banda Desenhada de Bucareste, na Roménia, organizada com o apoio do Instituto Camões e da Embaixada de Portugal.

A exposição, aberta com intervenções do historiador de BD romeno Dodo Nită e do embaixador português António Antas de Campos, reúne excertos de trabalhos realizados por Eugénio Silva (n. 1937) ao longo de uma carreira iniciada entre 1950 e 1954, quando frequenta o curso de Desenhador-Gravador-Litógrafo da Escola de Artes Decorativas António Arroio, em Lisboa.

Na banda desenhada é influenciado por Eduardo Teixeira Coelho e Hal Foster. O seu primeiro trabalho, *Amoni*, é publicado na 'Nau Catrineta', suplemento do Diário de Notícias. Seguem-se outras colaborações em revistas e a produção de ilustrações para livros escolares e capas de livros.

O seu primeiro álbum comercial de BD, *Matias Sandór*, uma adaptação de um romance de Júlio Verne, sai em 1983. *Eusébio, Pantera Negra*, de 1990, foi o seu álbum de maior sucesso, a que se seguiu o álbum *Inês de Castro... a que depois de morta foy Rainha*, de 1994.

Em 1999, assina primeira monografia em BD, *História de Seia*, e, em 2009, publica a adaptação para BD da peça de Henriqueta Lopes de Mendonça, *O Crime de Arronches*. Atualmente, termina *Zé do Telhado*, sobre o famoso saltador do século XIX, um trabalho encomendado nos anos 90 por uma editora, mas nunca concluído.

## 'Rede profissional' para professores de Português no mundo



Uma «comunidade de prática», semelhante a uma 'rede profissional', para professores de Português Língua Estrangeira/Língua Segunda (PLE/2) no mundo vai ser criada no âmbito do Centro Virtual Camões (CVC), devendo ser lançada a partir de Outubro próximo, com o desenvolvimento das primeiras ações.

O projeto é criar para os muitos milhares de professores de PLE/2 existentes no mundo, quer da rede do Ensino Português no Estrangeiro (EPE), tutelada pelo Instituto Camões (IC), quer de outras instituições e escolas, e que por vezes se encontram dispersos e relativamente isolados, «um ponto de encontro», que seja «simultaneamente um sítio de informação, um centro de recursos e um fórum de discussão e de partilha de recursos», indicou Rui Vaz, responsável do CVC.

Esta rede pretende ter um «caráter transversal», atravessando, quer os «sistemas de formação (inicial

e contínua)» de professores quer os «níveis de ensino (pré-escolar, básico, secundário e superior)».

O objetivo principal desta 'rede profissional', acessível a qualquer utilizador mediante registo, é, no dizer do responsável do CVC, «apoiar os docentes na sua prática profissional, facilitando partilhas e motivando o desenvolvimento profissional, com vista a novas competências, particularmente na área das TIC e a práticas inovadoras aplicadas ao ensino de PLE/2, compilando e disseminando aspetos de primeira linha das políticas da língua, ensino, aprendizagem e formação».

Integrada no CVC, o que permitirá criar sinergias com os recursos didáticos já disponíveis na plataforma do IC, esta comunidade «beneficiará de um programa específico que ajudará os docentes a refletir sobre as suas próprias práticas através da discussão, não só com os seus pares mas também com especialistas».

Assim, e aspeto essencial da rede, «mensalmente, serão realizadas *webinars* [seminários realizados através da rede de internet]», que poderão ser difundidos de forma síncrona ou assíncrona, de acordo com um programa em constante atualização.

Entre os temas previstos estão para já o Papel dos Pais/Comunidade, Quadros de Referência para o Ensino de Línguas, Acordo Ortográfico, Imagens de Português no Mundo, Recursos Interativos para PLE/2, Cultura Portuguesa, Meios de Comunicação Social e Literatura Infanto-Juvenil.

O modelo previsto compreende a difusão em vídeo pela internet de uma palestra de 10-15 minutos por um especialista da matéria em debate, seguida de uma discussão em plataforma digital durante as semanas seguintes.

No entender de Rui Vaz, o estabelecimento de uma «comunidade de prática» pode representar um contributo significativo para a formação dos professores de PLE/2 ao longo da vida.

### CURSOS 2011/2012

Entretanto, as inscrições para os cursos ministrados na plataforma de ensino a distância do Centro Virtual Camões estão abertas até 2 de Outubro.

## Lusitanistas reúnem-se em Leeds e Viena

Lusitanistas de língua alemã e do Reino Unido e Irlanda reuniram-se este mês em conferências separadas em Leeds, no centro-norte de Inglaterra, e em Viena, na Áustria.

A IV Conferência da Associação Britânica e Irlandesa de Lusitanistas (ABIL), acolhida a 9 e 10 de setembro em Leeds, no Reino Unido, pelo Departamento de Estudos Espanhóis, Portugueses e Latino-americanos da Universidade local, debateu o tema *Comunidades/Communities*, permitindo uma grande diversidade nas mais de 50 comunicações feitas em sessões que decorreram em paralelo. Questões da língua, literatura, história, cinema, género e cultura foram alguns dos tópicos abordados pelas comunicações.

O programa da conferência incluiu também uma mesa redonda sobre a tradução do

romance *Partes de África*, do académico e escritor Helder Macedo, com a participação deste antigo professor do King's College e de Phillip Rothwell, da Universidade de Rutgers, nos Estados Unidos.

O embaixador de Portugal no Reino Unido, João de Vallera, dirigiu-se aos conferencistas e transmitiu uma saudação da Presidente do Instituto Camões (IC), Ana Paula Laborinho, após os trabalhos do primeiro dia.

A Presidente do IC dirigiu-se por seu lado através de uma mensagem vídeo gravada aos participantes no IX Congresso Alemão de Lusitanistas, organizado pela respetiva associação pela primeira vez realizado fora da Alemanha e acolhido pelo Instituto de Românicas da Universidade de Viena.

Os trabalhos, que decorreram

entre 14 e 17 de setembro na capital austríaca, tinham como tema *Descobrimientos e utopias: A diversidade dos países de língua portuguesa*.

As comunicações apresentadas pelos cerca de duzentos académicos presentes procuraram responder nas 12 secções organizadas ao desafio lançado para se debruçarem, entre outros temas, sobre o «conceito de Lusofonia, muito debatido nos países de língua portuguesa» e que «constituiu uma questão controvertida e de grande significação, mesmo em Portugal».



### Instituto Camões

Rua Rodrigues Sampaio, 113  
1150-279 Lisboa  
TEL. 351+213 109 100  
FAX. 351+213 143 987  
www.instituto-camoes.pt  
jlcarte@instituto-camoes.pt  
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho  
COORDENAÇÃO Mário Filipe  
COLABORAÇÃO Carlos Lobato